

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**CULTURA E EDUCAÇÃO: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE
NIETZSCHE¹**
CULTURE AND EDUCATION: AN INTERPRETATION FROM NIETZSCHE

Leandro José Kotz², Adriano André Maslowski³

¹ Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado em educação nas ciências da Unijuí e da dissertação de mestrado em filosofia da UFSM.

² Aluno do Programa de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista Taxa Prosup/Capes.

³ Aluno do Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2017).

Resumo: O presente trabalho aborda uma das questões centrais do pensamento filosófico ocidental, qual seja, a interface entre a cultura e a educação a partir de um pensador relevante no contexto do século XIX. Embora o tema desenvolvido por Nietzsche esteja situado em um determinado tempo e espaço, isso não significa que se possam prescindir elementos para compreender a educação hodierna, cada vez mais marcada por tendências e interesses unilaterais (formar para o mercado de trabalho) arquitetadas pelo mercado, ao invés de proporcionar uma formação alargada. Portanto, para entender a conjuntura da educação e da cultura no atual cenário se faz mister e se justifica o retorno a este filósofo.

Palavras-chave: Nietzsche. Educação. Cultura.

Abstract: The present work began one of the central stages of Western philosophical thought, namely, an interface between a culture and an education from a relevant moment in the nineteenth century. The theme developed by Nietzsche if installed at a pace and space does not mean that they may be able to understand human life, increasingly marked by their unilateral perspectives and interests (shaped for the labor market) engineered by the market, unlike extended training. Therefore, to obtain a conjuncture of education and culture, it is not possible to find and justify the return to this philosopher.

Keywords: Nietzsche. Education. Culture.

CRÍTICA NIETZSCHIANA À CULTURA E AOS SISTEMAS DE ENSINO

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Nietzsche empenhou-se em passar pelo viés da crítica o modo ocidental de ser, sentir e pensar. Um dos temas que permeia essas três esferas e é sua seiva vital, é o da cultura. Para ele, a cultura é interdependente com a formação e/ou educação. Uma autêntica cultura não sobrevive sem boas instituições de ensino. A educação pode ser um meio de transmitir e aprender a cultura como também de degenerá-la, ou ainda, ser degenerada pela cultura. No contexto do filósofo, a última tendência prevalecia, isto é, instituições não promoviam uma cultura autêntica[1]. Doravante, tem-se por desígnio recuperar a crítica de Nietzsche aos estabelecimentos educacionais da Alemanha e à cultura alemã, a partir de sua obra *Sobre o futuro de nossas instituições de formação: Seis conferências públicas*[2].

Em relação às conferências, o filósofo é explícito no que concerne aos objetivos. Em primeiro lugar, não assume a vocação profética para fornecer visões sobre o futuro das instituições de ensino e da cultura. Aborda atentamente o presente para entender em quais direções as instituições se movem e se encaminham. Em segundo lugar, Nietzsche não propõe um modelo de instituição que ensine a cultura autêntica, tampouco oferece métodos pedagógicos para cativar alunos e repassar a autêntica cultura. Sua proposta, portanto, consiste em apresentar a ruptura entre a cultura e a educação que se manifesta como e provoca barbárie[3]. Embora o contexto do filósofo seja distante espaciotemporal e as instituições de ensino da Alemanha sejam distintas das de hoje, no Brasil, é certo que Nietzsche tem muito a dizer para os tempos hodiernos.

A tese que permeia suas conferências é:

Duas correntes aparentemente contrapostas, em sua ação igualmente prejudiciais e a confluir em seus resultados no final, governam na atualidade as nossas instituições de ensino antes originariamente baseadas em bem outros fundamentos: por um lado, o impulso no sentido de máxima **ampliação da cultura**, e por outro, de **diminuição e enfraquecimento da mesma**. De acordo com o primeiro impulso, quer-se levar a cultura a círculos cada vez mais amplos; no outro sentido, pretende-se que a cultura desista de suas supremas pretensões de soberania e servilmente se subordine a uma outra forma de vida, ou seja, à do Estado. Considerando essas desastrosas tendências da ampliação e da diminuição, ter-se-ia que desesperar sem perspectiva alguma, caso não fosse possível algum dia de alguma forma promover a vitória de duas tendências opostas, verdadeiramente alemãs e de futuro auspicioso, ou seja, o impulso à **restrição** e à **concentração** da cultura como contrapartida de uma máxima ampliação, e o impulso ao **fortalecimento** e à **auto-suficiência** da cultura como contrapartida à sua diminuição. Porém, o fato de acreditarmos na possibilidade de uma vitória justifica-se pelo reconhecimento tanto de que ambas aquelas tendências da ampliação e da diminuição opõem-se às eternamente uniformes intenções da natureza, quanto de que a concentração em poucas pessoas é uma lei necessária da mesma natureza, aliás uma verdade; enquanto aos dois outros impulsos só lhes seria possível fundar uma cultura falsa.[4]

Para Nietzsche, as duas tendências tendem a arruinar a cultura. Cada qual persegue objetivos específicos, mas que de igual modo convergem para o enfraquecimento cultural. Por de trás da tendência da restrição da cultura, encontra-se o Estado e a classe dos comerciantes. Ambos

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

necessitam de uma formação rápida para produzir funcionários competentes, domesticados e sem questionar a ordem estabelecida para que possam atuar nas mais diversas esferas como garantia de manutenção das instituições. O atrativo utilizado para enfeitiçar os alunos para esse fim é a promessa e a garantia de rápida obtenção de dinheiro e, por conseguinte, bens materiais. Mas, não para por aí, outra exigência vem acoplada a essa promessa, qual seja, a especialização[5]. Essa proporciona ainda mais remuneração. Toda essa pressa faz com que desde cedo a criança defina uma profissão para desenvolver no futuro. Assim sendo, a educação que se ajusta aos interesses do Estado é a técnica profissionalizante que produz mão-de-obra e indivíduos que estejam aptos a se sacrificar pelo Estado e ser-lhe fiel em cada detalhe. Nessa formação, não há nenhum resquício cultural, apenas pseudocultura.

Se a crítica de Nietzsche, sobre a redução da cultura é válida em sua totalidade ou apenas parcialmente no tempo de agora, pouco importa. O que vale destacar é a estranha exigência e propensão à formação técnico-instrumental desprovida de qualquer tipo de caráter humanístico e crítico-reflexivo. Porém, assim como no tempo do filósofo, o Estado precisa de instituições que habilitem para as mais diversas funções, contudo, essa instrução técnica jamais pode ser considerada cultura[6]. Nietzsche, nesse escrito, não é didático ao se referir sobre a domesticação (embora o faça muito bem em: *Além do bem e do mal* e na *Genealogia da moral*), isto é, como produzir alguém dócil, obediente, que não tenha perguntas a fazer apenas verdades para escutar. Resquícios da metafísica fundacional? Ou no caso do Brasil, uma forte dose de positivismo misturada com a metafísica fundacional?[7]

Por sua vez, na ampliação cultural, encontra-se subjacente um dogma da economia política. O alargamento da cultura como produção de necessidades materiais. Quanto maior a cultura, tanto maior é a possibilidade de criar desejos e, por conseguinte, fomentar o consumismo. Quanto mais se consome tanto mais feliz se é. Nesse sentido, a cultura está a serviço do mercado. O prognóstico nietzschiano, nesse caso, é válido para o contexto atual. Chega-se assim a uma fórmula:

Essa extensão pertence aos mais caros dogmas da economia nacional do presente. O maior possível conhecimento e cultura - daí a maior possível produção e necessidades - daí a maior possível felicidade: - assim aproximadamente soa a fórmula. Aqui temos a utilidade como alvo e fim da cultura, mais exatamente o rendimento, o maior possível lucro em dinheiro. A partir dessa direção a cultura seria definida mais ou menos como a inteligência com que é possível manter-se 'a altura do seu tempo', com que se conhece todos os caminhos em que se faz dinheiro com a maior facilidade, com que se dominam todos os meios que viabilizam o trânsito entre pessoas e povos. [...] Uma cultura rápida que capacite o indivíduo a ganhar dinheiro depressa e, mesmo assim, ganhar *multíssimo* dinheiro. Concede-se ao homem apenas tanto de cultura quanto está de acordo com o interesse do lucro, mas tanto também lhe é exigido. Em suma, a humanidade tem um necessário direito à felicidade terrena: para isso é necessária a cultura! Mas apenas para isso![8]

Nesse sentido, a cultura é desenraizada, por exemplo, da pretensão moderna, sobretudo, do

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Iluminismo com a *Bildung* (formação alargada) e a questão de uma escola pública que fomenta o interesse pelo público e não o contrário, isto é, ensino público cada vez mais privatizado com interesses privados – não da esfera comum. A ideia moderna visa potencializar as capacidades dos indivíduos de sorte que, alarguem o horizonte epistêmico a partir do qual gozem de autonomia para deliberar sobre as questões existenciais e de ordem do bem comum. Tal escopo não corresponde, nos dias atuais, com as demandas educacionais desenhadas pelo mercado financeiro. Para estes, a cultura ampla que gera autonomia e questiona padrões unilaterais é substituído gradativamente por conhecimentos ditos mais pragmáticos e que possuem um retorno financeiro, tal lógica fomenta uma pseudocultura regida pela tecnocracia.

Nietzsche menciona ainda uma terceira tendência que se situa no intermediário das outras duas. Ora atua como ampliação da cultura, ora como restrição dela. É, segundo o filósofo, a cultura jornalística que gradativamente tende a substituir a cultura autêntica. Aliás, põe-se no lugar da autêntica cultura e do gênio[9]. Porém não percebe sua escravidão, o jornalista está preso ao instante. Conforme Dias é “[...] o ‘escravo dos três M: o *momento* presente, as *maneiras de pensar* e a *moda*’ – passa com pressa e ligeiramente sobre as coisas”[10]. Na segunda conferência, Nietzsche mostra que, a cultura jornalística desenraiza a língua materna, põe obstáculos na arte da escrita e da leitura, de tal sorte que os jovens alemães não sabem ler nem escrever com classe, a língua foi pauperizada pelo estilo jornalístico[11].

No jornalismo efetivamente confluem as duas tendências: a extensão e a redução da cultura aqui se dão as mãos; o jornal coloca-se decididamente no lugar da cultura [...]. No jornal culmina a curiosa intenção cultural do presente: como também o jornalista, o escravo do instante, tomou o lugar do grande gênio, do guia para todas as épocas, do salvador do momento.[12]

Enquanto a educação permanecer ligada a essas tendências culturais, não há educação para a cultura. Pois as três posições corrompem tanto a cultura que poderia proporcionar uma nova experiência educativa, quanto a educação da qual poderia emanar, conforme a terminologia nietzschiana, uma autêntica cultura.

Portanto, diante disso tudo, a indagação que sobressai é: como ensinar se a decadência cultural corrompeu tudo? As instituições de ensino perderam o vínculo com a cultura, o que por seu turno, degenerou o ser humano. Por isso, para Nietzsche, nenhuma transformação seria capaz de inverter a decadência, somente um renascimento cultural e educacional, pelo qual uma oxigenaria a outra. Esse renascimento é visto pelo filósofo como possível se: a língua materna for considerada como um corpo vivo; as instituições comprometerem-se com a cultura clássica sem o modelo do historiador que empalha toda obra como se fosse algo morto e que precisasse ser conservada por algum motivo qualquer e; banindo o estilo jornalístico. Em uma terminologia contemporânea poder-se-ia afirmar, uma experiência dialógica interpretativa (hermenêutica).

REFERÊNCIAS

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

CHAUÍ, Marilena. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral:** uma Polêmica. Trad. Paulo César de Souza: São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre o futuro de nossas instituições de formação:** seis conferências. [SFIF] Trad. Paulo Rudi Schneider. [s.l.]: [s.n.], [19--].

[1] Um tipo de cultura autêntica é para Nietzsche a greco-romana. Nesse ponto, há resquícios metafísicos, isto é, Nietzsche preserva um ideal de cultura e de educação. O que vale ressaltar é, como sua reflexão mostra tendências culturais e educacionais que são válidas para os dias hodiernos. Todavia, não se compactua com o filósofo sobre um ideal de cultura e educação.

[2] Toma-se a tradução da obra realizada por Paulo Rudi Schneider, todavia, sua tradução ainda não foi publicada, mas concedida pelo tradutor para fins de pesquisa.

[3] Pode-se entender por barbárie a destruição da vida, do ato criador e do gênio provocadas pelas instituições de ensino, bem como, pela cultura.

[4] NIETZSCHE, *Sobre o futuro de nossas Instituições de Formação:* seis conferências públicas. [19--], p. 5. Doravante a obra será referida com a sigla SFIF.

[5] A finalidade da ciência moderna é a subjugação e o domínio do real, ou dito de um modo mais elegante, conhecer tudo. O cientista é apenas um ser humano erudito e teórico possuidor de um método a partir do qual, julga-se suficientemente valente para tentar explicar um ínfimo campo de estudo. Procede, na maioria das vezes, fazendo vivisseções e, por conseguinte,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

reificando e objetivando. Na primeira conferência, Nietzsche ressalta, “[...] o fato geral de que, com o agora desejado aproveitamento do cientista no serviço da sua ciência, a cultura do cientista torna-se cada vez mais casual e inverossímil. Pois o estudo da ciência está agora tão amplamente extenso que, se alguém nelas ainda quiser realizar algo tendo bons, se bem que não excelentes dotes, deverá dedicar-se a um ramo bem especializado, mas permanecer, então, indiferente a todos os demais. Desse modo, se bem que ele com sua especialidade seja superior ao vulgo, todavia faz parte dele quanto a todo o resto, isto é, quanto às coisas essenciais. Então um estudioso assim, exclusivamente especialista, é semelhante ao operário de fábrica que durante toda a sua vida não faz outra coisa do que um determinado parafuso ou cabo, trabalho em que, então, certamente, alcança incrível virtuosidade. [...] Durante séculos e séculos entendia-se como evidente que se compreendesse por um homem culto o estudioso, e somente o estudioso; a partir das experiências da nossa época dificilmente podemos ser levados a fazer uma comparação tão ingênua” (SFIF, p. 21).

[6] Na quarta conferência Nietzsche discorre sobre esse assunto: “[...] Portanto, toda a educação que no fim de sua carreira tem como perspectiva algum cargo ou algum ganha-pão, não é uma educação para a cultura como nós a entendemos, mas apenas uma indicação do caminho pelo qual se consegue salvar e defender a sua subjetividade na luta pela existência. Certamente uma semelhante indicação tem máxima e imediata importância para a maioria das pessoas: e quanto mais difícil a luta, tanto mais o jovem precisa aprender, tanto mais mover as suas forças intensamente. Ninguém, porém, creia que as instituições, que o incitam e capacitam para essa luta, de alguma maneira possam ser consideradas seriamente como instituições de cultura. São instituições que se propõe superar a necessidade de vida, podendo, assim, prometer a formação de funcionários, ou negociantes, ou oficiais, ou comerciantes do atacado, ou agricultores ou médicos, ou técnicos” (SFIF, p. 3).

[7] Na obra: *Brasil: Mito Fundador e sociedade autoritária* (2000), Marilena Chauí movida por uma leitura da suspeita, questiona a autoconsciência do brasileiro e/ou a autoimagem, dito em outras palavras, põe em xeque a identidade do brasileiro. Segundo seu entendimento, há um mito na base da consciência do brasileiro, que se chama, Brasil. Este mito, desde cedo vocifera sua ideologia sobre as crianças. “Na escola, todos nós aprendemos o significado da bandeira brasileira: o retângulo verde simboliza nossas matas e riquezas florestais, o losango amarelo simboliza nosso ouro e nossas riquezas minerais, o círculo azul estrelado simboliza nosso céu, onde brilha o Cruzeiro do Sul, indicando que nascemos abençoados por Deus, e a faixa branca simboliza o que somos: um povo ordeiro em progresso. Sabemos por isso que o Brasil é um ‘gigante pela própria natureza’, que nosso céu tem mais estrelas, nossos bosques têm mais flores e nossos mares são mais verdes. Aprendemos que por nossa terra passa o maior rio do mundo e existe a maior floresta tropical do planeta, que somos um país continental cortado pela linha do Equador e pelo trópico de Capricórnio, o que nos faz um país de contrastes regionais cuja riqueza natural e cultural é inigualável. Aprendemos que somos ‘um dom de Deus e da Natureza’ porque nossa terra desconhece catástrofes naturais (ciclones, furacões, vulcões, desertos, nevascas,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

terremotos) e que aqui, 'em se plantando, tudo dá' (CHAUÍ, 2000, p. 2). O que interessa reiterar é o caráter de docilidade, no qual o lema de ordem que conduz inevitavelmente ao progresso reveste-se de diversas ideologias no sentido marxista do termo - criar uma ilusão, subverter a realidade. Desta forma, impregna no imaginário popular que sem ordem não haverá progresso e vice-versa. Portanto, todo ato que não se enquadra naquilo que se entende por ordem, pode ser legitimamente em nome do progresso ser banido, para tanto, pode-se recorrer aos mais diversos meios de coerção. Resulta dessa ideologia uma camuflagem do real: "em suma, somos um povo bom, pacífico e ordeiro, convencido de que 'não existe pecado abaixo do Equador'" (CHAUÍ, 2000, p.3). E para finalizar, traz-se de modo resumido a autoimagem que o brasileiro tem de si, no qual, novamente aparece a ideia de uma imagem que subverte completamente o empírico. "há, assim, a crença generalizada de que o Brasil: 1) é 'um dom de Deus e da Natureza'; 2) tem um povo pacífico, ordeiro generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor; 3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada 'democracia racial'), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinqüência e da violência; 5) é um 'país dos contrastes' regionais, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural. Essa crença se completa com a suposição de que o que ainda falta ao país é a modernização -isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte -, com a qual sentar-se-á à mesa dos donos do mundo" (CHAUÍ, 2000, p. 4-5).

[8] SFIF, p. 20.

[9] De acordo com Dias, "o gênio é a grande natureza contemplativa armada para a criação eterna. A extensão da alma, a força da imaginação, a atividade do espírito, a abundância e a irregularidade das emoções - tudo isso, compõe o caráter do gênio. É sensível a todas as formas de expressão da natureza. [...] O nascimento do gênio não depende da cultura: é uma dádiva da natureza, mas 'foi amadurecido e nutrido no seio materno da cultura de um povo. [...] O percurso do gênio é sempre penoso e solitário. Por ser original, isto é, ver sempre as coisas pela primeira vez, é vítima de uma série de mal-entendidos. Enquanto os homens comuns e os eruditos se preocupam com o esquadramento do que é útil e chamam a isso de cultura geral, o gênio está além das motivações interesseiras e interessadas e tem uma visão de conjunto do conhecimento e da vida. É um 'homem-destino', um instrumento do fundo criador da vida, investido de uma missão cósmica de conservar a vida e fazê-la frutificar. Ultrapassa a compreensão, mas não a percepção, dos homens" (1991, p. 81).

[10] DIAS, 1991, p. 91.

[11] SFIF, p. 3.

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019
CONHECIMENTO

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

[12] *SFIF*, p. 22. Cabe lembrar, que essa citação é da primeira conferência.